

FOTOS: DIVULGAÇÃO

SEIS ANOS DE POESIA. *Papel no Varal* acaba de completar pouco mais de meia década de existência, mas continua com o mesmo fôlego do início. Ajudando a deixar a poesia viva, projeto reacendeu o interesse literário, ajudou na formação de público e mostrou que é possível dar certo em Alagoas. Agora, ele lança o 'Amigo do Papel no Varal', a novidade para este ano

Clube do Jazz + promove encontro semanal de músicos e amantes do ritmo. B4

Domingo 10/05/2015

Papel no Varal é, sem dúvida, um dos principais projetos literários já realizados em Alagoas

PARA TRANSBORDAR DE POESIA

LARISSA BASTOS
REPÓRTER

Astro ou planeta. Fresta, pequena abertura sobre a porta ou a janela que deixa entrar luz e ar. Coisa que emite luz, luzeiro. Assim é a definição dos dicionários para o verbete lumeeiro e assim é, também, como quem leva luz à penumbra, o Instituto Lumeeiro, fundado há cerca de cinco anos como organização não governamental com a ideia de trazer poesia a essas terras. Espalhar versos, acender e dar novo fôlego à literatura alagoana. Tal qual o lumeeiro.

Comandada com afinco por Ricardo Cabús, a entidade é mãe e pai do, talvez, principal projeto literário já realizado em Alagoas, o *Papel no Varal*, que recentemente completou seis anos com fôlego de quem acaba de conhecer o mundo. "Eu canto porque o instante existe/ e minha vida está completa/ não sou alegre nem sou triste:/sou poeta", declarou Cabús, utilizando-se de Cecília Meireles, durante a festa de aniversário, deixando latente a certeza eterna empoção com a iniciativa.

Empoção que pode ser sentida na fala – a *Gazeta* conversou com ele por mais de uma hora, em seu apartamento, sobre o que passou e o que está

por vir – e parece ser mesmo o brasão ostentado pelo presidente do Lumeeiro ao longo desses últimos anos. "É o prazer da criança que pega o brinquedo novo, aquilo que você cria para brincar e de repente você vê um monte de gente querendo brincar com você", diz.

É mesmo como um "algo para brincar" que o poeta e professor do curso de Engenharia da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) encara o *Papel no Varal*. Não no sentido zombeteiro, do proceder levemente, esse encontrado nos dicionários – eles, mais uma vez –, mas o de um brincar legítimo, daquilo por que se descobre felicidade. O de uma criança verdadeiramente encantada diante de um parque de diversões. Do seu parque de diversões.

Por falar neles, o criado por Ricardo é aberto a todos e, bem ao estilo coração de mãe, tem sempre espaço para mais um. Para ele, porém, o número cabalístico tem sido 200. Essa é a média de pessoas nas edições do *Papel no Varal*. O mesmo tal número cabalístico, referência vinda da Cabala, a ciência oculta do Judaísmo, já chegou a ser 100, tanto que, até hoje, essa é a quantidade de poesias trazidas a público a cada evento – exceto no últi-

mo, o grande aniversário, quando 150 delas acabaram penduradas por lá.

O volume de admiradores do projeto continua, mesmo após essa meia década, surpreendendo o poeta. Mas, o evento já nasceu grande: as 20 pessoas esperadas se multiplicaram em cem logo na primeira edição

"No começo, a gente escolhia os poemas, chegava lá e pendurava. Temos os amigos músicos, o Júnio, a Cris Braun, o Mácleim.

Na época, cada um ia uma vez, de graça, a gente fazia tudo praticamente sem custos, era muito pelo prazer. E deu certo, foi muita gente. Minha ideia era fazer para 20, 30 pessoas. Pouco para mim eram cinco, seis; evento de poesia com 20 era um multidão (risos). De repente, o primeiro evento já tinha mais de 100 pessoas", puxa pela memória Cabús.

Daí para cima, foi um pulo. Dado não sem dificuldades, claro, mas delas a gente trata depois. O que importa mesmo é que o crescimento e, em especial, a aceitação da plateia alagoana vieram a galope e, ainda nas primeiras edições, fizeram lotar espaços como o Museu Théo Brandão, palco do vanguardista *Papel no Varal Erótico*, o sarau com temas adultos sucesso de crítica e público.

"Depois, começou a estourar, fizemos evento com 500 pessoas", conta o presidente do instituto. "Tinha umas 400 pessoas nesse do Théo Brandão, gente empurrando para entrar, uma coisa de louco e aí tinha que ter produção, pagar alguém, e comecei a ter que captar recursos", complementa ele, acrescentando que foi a partir daí que precisou materializar o Lumeeiro, uma forma de conseguir o dinheiro para que a "brincadeira" continuasse acontecendo.

Hoje, ele assume que o projeto se profissionalizou, o que não é algo que ele ache necessariamente ruim, apesar de sentir falta dos moldes pelos quais tomaram forma as edições iniciais. "As pessoas não aceitam mais um evento tão simples, embora alguns queriam como o de antes. Há um paradoxo, porque muitos queriam como antes e eu também gostava. Só que não se consegue mais convocar um evento para 50 pessoas. Você marca o evento e já vão 200, então como vou fazer em um lugar que só cabem 50? Bom, solução aí. Se tiver solução, eu aceito. Gosto pra caramba de fazer do primeiro jeito, que não tinha nem preocupação com microfones, era do jeito que tivesse. Hoje, um cara passa o som, parece um show".

O SÓCIO-TORCEDOR DO PAPEL NO VARAL

Para que a estrutura se mantenha, o Lumeeiro conta atualmente com um produtor, uma secretária e um grupo de bolsistas, que trabalham lá e cá com o poeta e professor – em um grupo de pesquisas na universidade liderado por ele e no *Papel*. É aí que entram as dificuldades: como em quase toda iniciativa cultural realizada em Alagoas, as calças são curtas e o dinheiro mais ainda. É, muitas vezes, com a criatividade e a ajuda do próprio bolso que o presidente do instituto mantém tudo funcionando. "O mês em que não tem evento não temos pagamento nenhum e aí tira dinheiro de onde? Cansei de botar dinheiro, é meu prazer, só quem tem uma hora que tá bom, né? De vez em quando conseguimos patrocínios que seguram por um tempo, depois vem um hiato. E você fica: e aí? Vou manter ou não vou manter mais?".

Quando a situação aperta, é também para os amigos que ele corre. E, claro, para os admiradores. Foi a partir daí que surgiu a ideia do "Amigo do Papel no Varal", a novidade da iniciativa para este ano. Lançado no último dia 29, durante o aniversário de seis anos, o projeto é, como define o próprio Ricardo, o "sócio-torcedor" da ação literária: você contribui e ajuda a manter vivo o lumeeiro literário de Alagoas.

A carteirinha tem um custo de R\$ 25 – ela pode ser comprada com qualquer pessoa da equipe – e dá direito a uma série de benefícios. Os principais, julga o criador do sarau, são os que dizem respeito ao evento em si, como lugares especiais, bem diante do palco. Além deles, porém, os que consolidam essa amizade terão direito ainda a descontos em diversas lojas, quase todas já parceiras, como Bodega do Sertão e Ao Pharmaceutico. Para

os amantes de cinema, o documento ainda garante meia-entrada no Cine Arte Pajuçara de terça a sexta-feira.

Ricardo sabe que a ideia não será a redenção do *Papel*, mas acredita que pode garantir uns meses de tranquilidade financeira. E, mais que isso, outros tantos de um estímulo precioso. "Não temos grandes expectativas. É apenas aquela história: tem gente que gosta do projeto e não tem tempo de ir. Agora, vai poder ajudar, contribuir. Se 500 pessoas comprarem, já dá para pagar alguma parte de despesa", diz ele, que revela: "Não começo, nem aprovo a ideia dos descontos."

"O principal era aquilo relativo ao evento, os descontos surgiram depois. Eu penso nesse projeto para as pessoas que querem ajudar, acho que não estão nem visando os descontos. Eu nem queria, mas como o grupo quis e de vez em quando eu cedo... Ninguém acredita, mas acontece (risos)", relata, sempre bem-humorado. "O preço é simbólico, mas é para criar o vínculo, fazer a pessoa torcer pela gente e saber que a gente tem torcida para que estimule e possamos continuar. Somos seres humanos e também nos desestimulamos, temos tristezas".

Uma dessas tristezas foi a perda da produtora do *Papel no Varal* e entenda de Ricardo, Tayra Macedo, morta em 2010 depois de um acidente de moto. O baque balançou o barco, mas o padastro decidiu continuar. "Tivemos tristezas no meio do caminho e uma delas foi a perda da Tayra, que além de produtora tinha a ligação emocional. Pensamos: e aí? Mas retomamos, e retomamos até por ela", conta, lembrando que o lumeeiro continuou deixando a luz – e a poesia – passar. **B3** **Continua na página B2**



Projeto *Papel no Varal* também conta com intervenções urbanas